



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio de Janeiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Campus Realengo

Curso de Graduação de Terapia Ocupacional

CAREN ADRIANA LEVINO DE ALBUQUERQUE

**BONECO TERAPÊUTICO: UMA FERRAMENTA PARA
O TRATAMENTO DE CRIANÇAS NA
BRINQUEDOTECA HOSPITALAR**

Rio de Janeiro

2023

CAREN ADRIANA LEVINO DE ALBUQUERQUE

MARCIA REGINA DE ASSIS

BONECO TERAPÊUTICO:
UMA FERRAMENTA PARA O TRATAMENTO DE CRIANÇAS NA
BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Memorial Descritivo apresentado ao
Instituto Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Terapia Ocupacional.

IFRJ - Campus Realengo

2023

CIP - Catalogação na Publicação
Bibliotecária: Alane Elias Souza – CRB7 6321

A345b Albuquerque, Caren Adriana Levino de
Boneco terapêutico: : uma ferramenta para o tratamento de
crianças na brinquedoteca hospitalar / Caren Adriana Levino
de Albuquerque - Rio de Janeiro, 2023.
31 f. : il.

Orientação: Márcia Regina de Assis.
Trabalho de conclusão de curso (graduação), Bacharelado em
Terapia Ocupacional, Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Realengo, 2023.

1. Bonecos terapêuticos. 2. Terapia Ocupacional. 3. Brincar. 4.
Brinquedoteca. I. Assis, Márcia Regina de, orient. II. Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
III. Título

CDU 615.851.3

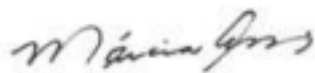
CAREN ADRIANA LEVINO DE ALBUQUERQUE

BONECO TERAPÊUTICO: UMA FERRAMENTA PARA O TRATAMENTO DE
CRIANÇAS NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Memorial Descritivo apresentado ao Instituto
Federal do Rio de Janeiro como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel
em Terapia Ocupacional.

Aprovada em: 03/07/2023

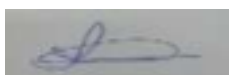
Banca examinadora



Profa. Márcia Regina de Assis (Orientadora)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)



Terapeuta Ocupacional Patrícia Cymerman Raibott Labre (Membro Titular Externo)



Profa. Caciana Rocha Pinho (Membro Titular Suplente)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por ter me capacitado e ajudado até esse momento. Sem Ele, nenhuma experiência que vivenciei teria sido possível.

Além disso, agradeço ao meu marido, por ter contribuído grandemente no desenvolvimento dessa pesquisa, por sempre me incentivar a dar o meu melhor e por me auxiliar durante todo o processo de construção, seja do TCC, seja de mim mesma.

Agradeço a minha mãe, que com muito esforço e incentivo, me ajudou a permanecer durante a graduação, se dedicando durante todo o processo.

Ainda, agradeço à minha querida e eterna vó, por permanecer ao meu lado durante o curso, por ter me mostrado que eu poderia ser ainda melhor, por ter me ensinado, por ter lançado palavras de incentivo e por ter se orgulhado tanto de ter uma futura doutora na família.

Ademais, agradeço as minhas amigas de jornada: Anne, Lorrana, Meire, Aline e Jennifer, por sempre me apoiarem e mostrarem lealdade nas mais adversas situações da minha vida.

Agradeço também à minha orientadora Márcia Assis, por não largar a minha mão durante esse processo, por me instruir em toda pesquisa e por sempre me incentivar a concluir esse trabalho.

Esse trabalho foi escrito por uma única pessoa, uma que não é só, mas é uma composição de muitas histórias atravessadas.

RESUMO

O brincar é uma ocupação do ser humano que é capaz de promover desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais e aprendizagem para as crianças. A privação dessa ocupação tem um grande impacto em suas vidas. O processo de hospitalização traz consigo desafios e restrições que privam as crianças de seu direito ao brincar, impactando sua rotina, vínculos emocionais e bem-estar geral. Os bonecos terapêuticos são eficazes ferramentas passíveis de serem utilizadas em diversas áreas da saúde, em especial a Terapia Ocupacional. Eles são utilizados para auxiliar no processo terapêutico, podem ser utilizados em diferentes contextos, desde hospitalar e até clínico. Podem ser confeccionados, desenvolvidos com este intuito, ou podem ser adaptados, elaborados a partir da utilização de um boneco de uso comercial já existente. O objetivo deste estudo foi adaptar um boneco terapêutico. Para tanto, os procedimentos que auxiliaram a atingir o objetivo foram divididos em três tópicos: 1. Participar de um curso de capacitação; 2. Planejar a adaptação de um boneco terapêutico; 3. Adaptar um boneco terapêutico. Esse trabalho se justifica pela compreensão de que os bonecos comerciais, em sua maioria, não são capazes de dar conta das particularidades da hospitalização e de cada criança, por isso, são necessárias adaptações desses bonecos para que possam ser utilizados de modo terapêutico, um recurso a ser utilizado em diferentes contextos. O boneco foi adaptado para atender as demandas de uma criança fictícia com transtorno do espectro autista visando atender algumas de suas necessidades específicas, tal como a dificuldade em aceitar a utilização de órteses e a implementação de um sistema de Comunicação Alternativa. Por isso, o boneco foi adaptado utilizando acessórios como prancha de comunicação alternativa na mão direita e órteses suropodálicas nos pés. A adaptação do boneco apresenta um custo acessível e utiliza materiais variados, inclusive folha de papel A4, possibilitando assim a sua replicabilidade. A relevância do trabalho está na possibilidade de divulgar aos profissionais de Terapia Ocupacional um recurso terapêutico eficaz para o trabalho com crianças hospitalizadas ou com necessidades deste suporte no processo terapêutico.

Palavras-chaves: Boneco Terapêutico; Terapia Ocupacional; Brincar; Brinquedoteca

ABSTRACT

Play is an occupation of the human being that is able to promote the development of motor, cognitive, emotional and social skills and learning for children. The deprivation of this occupation has a great impact on their lives. The hospitalization process brings with it challenges and restrictions that deprive children of their right to play, impacting their routine, emotional bonds, and general well-being. Therapeutic dolls are effective tools that can be used in several areas of health, especially Occupational Therapy. They are used to assist in the therapeutic process, can be used in different contexts, from hospital to clinical. They can be made, developed for this purpose, or they can be adapted, elaborated from the use of an existing commercial doll. The aim of this study was to adapt a therapeutic doll. Therefore, the procedures that helped to achieve the objective were divided into three topics: 1. Participate in a training course; 2. Plan the adaptation of a therapeutic doll; 3. Adapt a therapeutic doll. This work is justified by the understanding that commercial dolls, in their majority, are not able to account for the particularities of hospitalization and of each child, therefore, adaptations of these dolls are necessary so that they can be used in a therapeutic way, a resource to be used in different contexts. The doll was adapted to meet the demands of a fictitious child with autism spectrum disorder in order to meet some of their specific needs, such as the difficulty in accepting the use of orthoses and the implementation of an Alternative Communication system. Therefore, the doll was adapted using accessories such as an alternative communication board in the right hand and suropodalic orthoses on the feet. The adaptation of the doll is affordable and uses various materials, including A4 sheet of paper, thus enabling its replicability. The relevance of the work lies in the possibility of disseminating to Occupational Therapy professionals an effective therapeutic resource for working with hospitalized children or those with needs of this support in the therapeutic process.

Keywords: Therapeutic Doll; Occupational Therapy; Play.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
A importância do brincar.....	8
Direito ao brincar.....	9
O brincar da criança hospitalizada.....	10
Espaço apropriado para brincar.....	12
Brinquedoteca hospitalar e legislações.....	14
Bonecos Terapêuticos.....	15
2. ADAPTAÇÃO DO PRODUTO.....	16
a) Ficha técnica.....	16
b) Desenvolvimento.....	21
c) Equipe de execução.....	21
d) Justificativa.....	21
e) Objetivo.....	22
f) Tipo de estudo.....	22
g) Procedimentos.....	23
h) Cronograma.....	23
i) Orçamento.....	23
j) Descrição do público-alvo.....	24
k) Local e data de realização.....	26
l) Formas de divulgação do produto.....	26
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

A importância do brincar

A infância, enquanto categoria social, é uma etapa da vida em que ocorrem diversas transformações, sendo essas físicas, perceptuais, cognitivas, sociais, de linguagem, de personalidade e da moral (BEE e BOYD, 2011). Tais transformações são inerentes ao ser humano, uma vez que este possui maturação, a qual é definida por Bee e Boyd (2011, p.29) como “padrões sequenciais de mudança governados por instruções contidas no código genético e compartilhadas por todos os membros de uma espécie”. Além de mudanças, a infância é uma fase que tem o brincar como atividade fundamental para o desenvolvimento. O brincar nessa etapa é uma atividade que está relacionada com todas essas transformações, pois, bem como aponta Cunha (2011, p. 11): “é brincando que a criança se desenvolve e exercita suas potencialidades. O desafio contido nas situações lúdicas provoca o pensamento e leva a criança a alcançar níveis de desempenho que só as ações por motivação intrínseca conseguem”. É através da brincadeira que a criança investiga e pesquisa as coisas à sua volta, adquire novas habilidades e é capaz de desenvolver a criatividade, experimentando emoções e sentimentos e ampliando seu repertório de mundo.

Friedmann (2006),aponta que há contradições nas concepções do brincar. Diferentes autores possuem conceitos distintos do que é esse comportamento lúdico. Para Santos e Pessoa (2015), as quais em poucas palavras definem com precisão que brincar é “uma atividade lúdica, prazerosa e livre” (p.12). Ou seja, o brincar não precisa de amarras, ele não é imposto, mas surge a partir da espontaneidade, explorando novas experiências, tendo como finalidade a diversão do indivíduo brincante. Complementa-se ainda com a concepção de Fonsêca e Silva (2015), que compreende o brincar como uma forma da criança se colocar no mundo, se expressando e se desenvolvendo, uma vez que, além da brincadeira ser essencial para o desenvolvimento infantil, através dela a criança tem a possibilidade de se colocar no lugar do outro, interagir e criar hipóteses.

Contudo, assume-se aqui a concepção mais ampla do que é brincar adotada pela *American Occupational Therapy Association* (AOTA), a qual entende o mesmo

enquanto uma ocupação do ser humano e a descreve como “qualquer atividade espontânea ou organizada que proporciona prazer, diversão, distração, divertimento ou entretenimento” (PARHAM & FAZIO, 1997, p 252). Essa ocupação é capaz de promover desenvolvimento de habilidades (motoras, cognitivas, emocionais e sociais) e aprendizagem para as crianças. A privação dessa ocupação tem um grande impacto em suas vidas (PARHAM & FAZIO, 1997).

Assim, parte-se do pressuposto que brincar pode ser tanto espontâneo quanto estruturado, e que a forma que se assume não é o objetivo, mas sim que o brincar deve proporcionar prazer.

Direito ao brincar

Em 1959, a Organização das Nações Unidas aprovou em Assembleia Geral a Declaração Universal dos Direitos das Crianças, a qual em seu Princípio VII afirma que a criança tem direito ao brincar ao mencionar que ela “deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras” (UNICEF, 1959, p.2). Apesar da existência da declaração, ela não garante o compromisso dos países com os princípios estabelecidos pelo documento. Para tanto, em 1989 foi realizada a Convenção sobre os Direitos das Crianças, na qual o Brasil foi signatário, tendo se comprometido e concordado com os artigos propostos pela convenção.

O direito ao brincar é um direito designado à toda criança e o artigo 31 da Convenção sobre os Direitos das Crianças aponta que:

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística.
2. Os Estados Partes devem respeitar e promover o direito da criança de participar plenamente da vida cultural e artística e devem estimular a oferta de oportunidades adequadas de atividades culturais, artísticas, recreativas e de lazer, em condições de igualdade (UNICEF, 1989).

Assim, compreende-se que a partir de 1989 o Brasil passou a se comprometer com o direito das crianças, inclusive o direito ao lazer, ou seja, o direito ao brincar. Além desses tratados, existem várias legislações nacionais que reconhecem o direito da criança ao brincar, como a própria Constituição Federal de 1988 que prevê em seu artigo 227 que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária,

além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Desse modo, para além de convenções internacionais, tem-se como legislação constitucional o artigo 227 que descreve que família, sociedade e Estado devem assegurar à criança o direito ao lazer, e mais uma vez, o lazer é entendido no seu sentido mais amplo, englobando inclusive a atividade de brincar. Como uma legislação complementar, existe a lei nº 8.069/1990, conhecida como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é um documento brasileiro tratado como referência no que se refere à proteção integral e garantia de direitos às crianças, inclusive o direito ao lazer.

Assim, pode-se observar que, no que se refere ao brincar, diferentes instituições possuem a responsabilidade de assegurar esse direito, garantindo atividades adequadas às fases de desenvolvimento infantil.

O brincar da criança hospitalizada

Quando se comenta acerca da temática da criança hospitalizada, é de senso comum que se tenha um ideal de criança quieta, que enfrenta os desafios da hospitalização de forma pacífica e que está privada de seu divertimento, tendo muitas vezes o celular, televisão e os canais infantis como únicos aliados. Contudo, é preciso levar em conta o fato de que, antes de uma criança com um diagnóstico, aquela criança é uma cidadã, que é possuidora de direitos (FONSECA, 2010).

O hospital pode ser um ambiente aversivo para a criança, pois nele tende a haver a privação de liberdade, a criança não tem a possibilidade de ir e vir, correr e explorar, pois, precisa respeitar os espaços institucionais. Além disso, há uma tendência que a criança passe por privação de atividade lúdica, uma vez que em quartos individuais a criança não tem contato com seus pares e sequer pode brincar em espaços abertos (MEDEIROS, 2022).

Crianças que passam por essas experiências têm suas rotinas modificadas e vínculos rompidos. Além de serem também separadas de itens afetivos para elas, tais como brinquedos pessoais (TEIXEIRA; GIMENES, 2011). Essas experiências podem gerar na criança hospitalizada diferentes emoções e sentimentos, distintos dos que habitualmente conhece, é o que apontaram Cunha e Viegas (2004) em uma pesquisa científica, demonstrando que os sentimentos que tendencialmente surgem são: abandono, punição, ansiedade e medo de morrer. Além disso, a pesquisa ainda

apontou que durante a adaptação à rotina de internação, a criança pode apresentar os comportamentos de choro, revolta, agressividade, silêncio, aceitação, recusa da alimentação e apatia (CUNHA; VIEGAS, 2004). Esses sentimentos, emoções e comportamentos surgem como um mecanismo para ajudar a criança a enfrentar a situação vivenciada. É por isso que, durante o período de internação, o brincar é uma ferramenta importante para que a criança seja capaz de interagir, desenvolver atividades, compreender a realidade em que está inserida e lidar com os seus sentimentos de forma mais adequada (FONSECA, 2010).

Assim, compreendendo a importância do brincar, apresenta-se aqui alguns documentos nacionais e internacionais assegurados à criança em situação de hospitalização que regem a garantia do direito ao lazer.

Em 1988 a *European Association for Children in Hospital* (EACH) elaborou, durante uma conferência realizada em Leiden na Holanda, uma carta intitulada “Carta da Criança Hospitalizada”, a qual descreve 10 direitos que as crianças em situação de hospitalização devem ter. Entre esses direitos destacam-se os direitos de número 4, 6 e 7. O artigo 4º aponta que “As crianças e os pais têm direito a receber uma informação adaptada à sua idade e compreensão. As agressões físicas ou emocionais e a dor devem ser reduzidas ao mínimo.” (EACH, 2016, p. 11). Assim, compreende-se que o tratamento dado à criança deve ser feito de modo a diminuir a dor e o sofrimento causado pela internação, e isso pode ser realizado de diversas formas, inclusive através da brincadeira. Ainda, o artigo 6º menciona que as crianças, nos atendimentos em ambiente hospitalar devem “ficar reunidas por grupos etários para se beneficiarem de jogos, recreios e atividades educativas adaptadas à idade, com toda a segurança [...]” (EACH, 2016, p.19), sendo possível perceber que há uma recomendação de lazer dentro do hospital para as crianças que se encontram hospitalizadas. Por sua vez, o artigo 7º apresenta que “O Hospital deve oferecer às crianças um ambiente que corresponda às suas necessidades físicas, afetivas e educativas, quer no aspecto do equipamento, quer no do pessoal e da segurança.” (EACH, 2016, p. 21). Consequentemente, nota-se a sugestão de fornecimento de um espaço para que as crianças sejam supridas em suas necessidades.

Por essa razão, a Carta da Criança Hospitalizada reconhece o direito da criança em situação de hospitalização ao lazer/brincar, como algo fundamental para a sua estadia durante o período em que se encontra internada.

Além da carta anteriormente mencionada, outro documento que também busca assegurar o direito a brincar, da criança que se encontra hospitalizada, é a Resolução nº 41/1995 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), que dispõe sobre a proteção de crianças e adolescentes em unidades de saúde. A presente resolução em seu tópico de número 9 aponta que as crianças hospitalizadas possuem o direito de “desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar durante sua permanência hospitalar.” (CONANDA, 2004, p.59), estabelecendo assim, que a criança hospitalizada deve ter garantido o direito ao lazer e à recreação, devendo ser oferecidos a ela jogos, brinquedos, livros e outros materiais de entretenimento apropriados.

Portanto, compreende-se aqui que, o brincar é uma ferramenta de extrema importância para a qualidade de vida da criança que se encontra internada, de forma a promover saúde a esse indivíduo (CUNHA, 2007a). Sendo assim, o brincar não deve ser entendido de modo secundário, mas sim de forma prioritária, de extrema necessidade para a criança, uma vez que proporciona o desenvolvimento em várias áreas. Assim, brincar, mais do que simplesmente o ato, é e deve ser valorizado como uma oportunidade de humanização do tratamento, possibilitando a criação e o estabelecimento de vínculos com crianças e seus pares, com os acompanhantes e os profissionais da equipe de saúde (CUNHA, 2007a).

Além disso, é de extrema importância que os hospitais possuam ambientes e materiais adequados, de modo a atender às demandas por diversão das crianças hospitalizadas, possibilitando a sua segurança e o seu conforto durante o período de internação. A brinquedoteca hospitalar surge como uma forma de atender a demanda do público infantil no contexto hospitalar.

Espaço apropriado para brincar

As brinquedotecas hospitalares surgiram no Brasil a partir dos anos 90. A pioneira foi a brinquedoteca do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FMUSP), implantada em 1994, tendo como objetivo tornar mais ameno o processo de internação das crianças (SANTOS, 1997). Apesar de outras brinquedotecas terem surgido em contextos hospitalares anteriormente, como a Brinquedoteca da Santa Casa de Misericórdia de

São Paulo no ano de 1978, a brinquedoteca do HC-FMUSP foi a primeira a ser implantada de modo a possibilitar melhora no tratamento durante a estadia das crianças no hospital (ALVES, 2020).

No decorrer dos anos, as brinquedotecas hospitalares foram tomando forma e sendo reconhecidas como uma importante ferramenta para humanizar o atendimento, sendo um dos instrumentos mais importantes da humanização hospitalar (VIEGAS, 2007). A brinquedoteca hospitalar tem o propósito de tornar a estadia da criança no hospital mais alegre e menos traumática, a fim de possibilitar condições mais adequadas para a recuperação da criança (CUNHA, 2007a).

Para Nylse Cunha, uma das fundadoras da brinquedoteca no Brasil, as brinquedotecas hospitalares são espaços que devem acolher esses indivíduos e que devem possibilitar a eles diversão, socialização, a expressão de emoções e o desenvolvimento de habilidades (CUNHA, 2007a).

Os objetivos da brinquedoteca hospitalar apontados por Cunha (2007b) são:

1º - O preparo da criança para o enfrentamento de diferentes situações: nesse ambiente a criança tem acesso a fantasias de profissões como médicos e enfermeiros, pode brincar com instrumentos de saúde como o estetoscópio e através do contato com as ambiências por meio do brincar, a criança é capaz de compreender de forma mais adequada a rotina hospitalar e os procedimentos no qual irá se submeter.

2º - A preservação da saúde emocional da criança: na brinquedoteca a criança tem contato com outras crianças, e a elas são ofertadas oportunidades para brincar e se conhecer. Nesse espaço, as crianças podem encontrar seus pares que estão passando pela mesma situação de saúde.

3º - A não interrupção na estimulação do desenvolvimento da criança: é saudável e comum que crianças brinquem, corram e se divirtam. A internação hospitalar pode privar esse ambiente de expressão e é por isso que a brinquedoteca é um lugar para que a criança continue se desenvolvendo.

4º - Proporcionar um ambiente agradável. Seu propósito é ser um ambiente acolhedor, para que as famílias e amigos que visitam as crianças, possam encontrá-las em um ambiente favorável, de modo que não seja deprimente e nem coloque a criança em um lugar de “vítima”.

5º - Auxiliar a criança no retorno para o seu lar: algumas internações passam por períodos longos de tempo, o que pode viabilizar o rompimento de vínculos.

Sendo assim, a equipe da brinquedoteca prepara esse indivíduo para lidar com o afastamento dos amigos, a saudade dos familiares e a quebra de rotina.

Brinquedoteca hospitalar e legislações

Apesar do termo “brinquedoteca hospitalar” ainda parecer incomum, existem no Brasil algumas legislações que apontam a importância desses espaços, estabelecendo normas e diretrizes para o seu funcionamento. Antes da existência de uma legislação para esse campo, o Conselho Nacional de Saúde, por meio da Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, alertava para a importância de um espaço apropriado para que a criança pudesse brincar dentro do contexto hospitalar, além da necessidade de garantia de direitos. Em seu parágrafo VIII a resolução apresenta que a criança tem direito a desfrutar de alguma forma de recreação durante o período em que estiver no hospital (BRASIL, 1995). Tal resolução já demonstrava uma preocupação com o bem estar da criança em situação de hospitalização, o que por sua vez, culminou na exigência de um ambiente específico para o brincar em forma de lei.

A lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, proposta pela deputada Luiza Erundina de Souza, é a principal legislação no que se refere às brinquedotecas hospitalares no Brasil. Essa lei dispõe sobre a “obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde, que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.” (BRASIL, 2005, p.1). Sendo assim, a legislação garante o direito de todas as crianças que se encontram hospitalizadas, seja em estabelecimentos de saúde públicos ou privados, o acesso à brinquedoteca. A esse espaço denominado “brinquedoteca hospitalar” a legislação entende que deve ser um “espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar” (BRASIL, 2005, p.1), porém mais do que isso, como já apontado anteriormente, a brinquedoteca hospitalar é um espaço de humanização, com o objetivo de dar continuidade ao desenvolvimento da criança enquanto lhe ensina sobre sua condição, auxiliando a lidar com o sofrimento vivenciado durante a internação hospitalar.

Em concordância com a legislação que regulamenta a brinquedoteca, há ainda a Política Nacional de Humanização (PNH), a qual tem como um dos propósitos, bem como a nomenclatura afirma, promover a humanização nos

atendimentos de saúde (BRASIL, 2001), tal política considera os direitos da criança e suas necessidades. Sendo a brinquedoteca um espaço de brincar cujo propósito também é a humanização do tratamento, bem como aponta Viegas (2007), ela deve ser vista como um fator contribuinte para a implementação dessa política.

Desse modo, é possível compreender que as legislações apontadas são fundamentais para a garantia à criança internada a brincar em instituições de saúde, de modo a contribuir para a sua melhora, possibilitando uma estadia agradável, acolhedora e humanizada.

Bonecos Terapêuticos

Os bonecos terapêuticos são eficazes ferramentas passíveis de serem utilizadas em diversas áreas da saúde, em especial, a Terapia Ocupacional. Eles são utilizados para auxiliar no processo terapêutico, de diferentes públicos-alvo, especialmente com crianças. Esses bonecos podem ser utilizados em diferentes contextos, desde hospitalar e até clínico. Podem ser confeccionados, tendo esse propósito, ou podem ser adaptados, elaborados a partir da utilização de um boneco de uso comercial já existente.

Bonecos terapêuticos, tal como os brinquedos terapêuticos, podem se apresentar de diferentes formas, sendo essas formas classificadas em três categorias: dramático, instrucional e capacitador de funções fisiológicas (ALMEIDA, 2007). Na categoria dramático, por meio da dramatização com os bonecos, a criança pode reviver situações significativas, possibilitando a ela concretizar suas experiências sem perder o controle da situação. Nessa categoria a criança é capaz de expressar seus sentimentos, suas necessidades e medos diante de situações vivenciadas, auxiliando-a a lidar com conflitos e resolvê-los (ALMEIDA, 2007). A categoria instrucional possibilita a criança a aprender sobre um determinado evento, de modo que apenas pela instrução verbal a criança não seria capaz de compreender, como por exemplo alguns dos procedimentos hospitalares. Essa categoria permite à criança entender como deve agir e prever como se sentirá no momento real, proporcionando-lhe uma oportunidade de se reassegurar, expressar seus sentimentos e esclarecer conceitos equivocados (ALMEIDA, 2007). Ou mesmo em contextos escolares, a instrução realizada através do uso do boneco possibilita previsibilidade e aprendizagem. Na categoria capacitador de funções fisiológicas,

algumas atividades que contribuem para manter e melhorar a sua saúde física podem ser transformadas em brincadeira, estimulando-a a participar ativamente (ALMEIDA, 2007).

Essas ferramentas tendem a ser utilizadas no tratamento de crianças que passam por alguma situação de internação, ou para tratar crianças que possuem algumas demandas específicas e precisam ser estimuladas. Podem ser utilizados durante o período de hospitalização, para a realização de procedimentos nos quais a criança terá que se submeter, possibilitando a compreensão da realidade e facilitando a aceitação do tratamento (MARTINS, et al. 2001; FONTES, et al. 2010). Pode ser utilizado como um recurso capaz de promover a expressão de sentimentos das crianças, a socialização e a sua comunicação. Pode-se fazer uso do boneco para representar situações vivenciadas pela criança, como medos, ansiedades e angústias, e possibilitar a ela encontrar meios adequados de lidar com suas reações e emoções (CANÊZ, et al. 2019; GOMES, et al. 2019).

Ao se utilizar um boneco terapêutico, é usual que se adapte um boneco baseado nas características físicas da criança que o utiliza, possibilitando a ela se identificar com o boneco e realizar uma representação de si própria. O profissional de Terapia Ocupacional que faz uso de bonecos terapêuticos durante sua intervenção também pode utilizar o boneco para auxiliar em treinos de Atividades de Vida Diária, tais como o vestir e despir da criança.

2. ADAPTAÇÃO DO PRODUTO

O presente estudo foi desenvolvido em formato de memorial, segundo as normas do Manual de Apresentação de Trabalhos Acadêmicos do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ, 2019).

a) Ficha técnica

Trata-se de um boneco terapêutico do tipo instrucional pensado para uma criança fictícia com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a qual possui dificuldades com a comunicação verbal e questões motoras relacionadas à marcha, mais especificamente Marcha em Equino Idiopática.

O boneco em questão é semelhante a uma criança do sexo feminino, possui fios de cabelo da tonalidade loira e cor de pele branca. A boneca tem o peso de 209 gramas e altura de 34 centímetros, possui rotação no pescoço, braços e pernas.

Compõem a boneca os seguintes itens:

- vestido;
- calcinha;
- elásticos de cabelo;
- mini prancha de comunicação alternativa;
- mini órteses suropodálicas.

A adaptação do produto em questão foi realizada durante um curso de capacitação sobre bonecos terapêuticos, no município do Rio de Janeiro no de 2022.

Abaixo estão apresentadas as imagens do resultado final da boneca adaptada durante o curso.

Fotografia 1 – Boneca sob os dois pés



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 2 – Boneca sentada



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 3 – Boneca de perfil, lado esquerdo.



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 4 – Boneca de perfil, lado direito



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 5 – Boneca de costas



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 6– Órteses Suropodálicas



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 7 – Parte frontal da órtese



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 8– Lateral da órtese



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 9 – Parte traseira da órtese



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 10– Solado externo da órtese



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 11 – Órteses nos pés



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 12 – Prancha de C.A (Externa)



Fonte: Compilação do autor.

Fotografia 13 – Prancha de C.A (Interna)



Fonte: Compilação do autor.

b) Desenvolvimento

Este projeto foi produzido a partir da participação em um curso de capacitação, o qual teve como trabalho final a adaptação de um boneco terapêutico.

Para a adaptação da boneca foram utilizados, além de uma boneca de uso comercial, materiais de sucatas (limpas e desinfectadas), massa de biscuit, massa de modelar, colas de diferentes tipos, tintas guache, caneta hidrocor, caneta, lápis de colorir, E.V.A, velcro, folha de ofício, papel cartão, tecidos, barbante e caixas de papelão. Foram disponibilizados também utensílios para autocuidado, tais como: pente de cabelo, escova de dente e esponja de banho. Além desses, materiais hospitalares: algodão, compressa de gaze e esparadrapo.

Ademais, as seguintes ferramentas foram utilizadas: pistola de cola quente, alicate de bico, estilete, kit de pontas de chave fenda e Philips, tesoura pequena de ponta e redonda.

c) Equipe de execução

O boneco terapêutico foi elaborado, adaptado e executado por Caren Adriana Levino de Albuquerque, graduanda em Terapia Ocupacional no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). A discente adaptou o produto a partir das orientações dadas pela terapeuta ocupacional Patrícia Cymerman Raibott Labre.

d) Justificativa

O interesse pela temática se deu inicialmente a partir da participação em uma transmissão audiovisual na plataforma *Youtube*, realizada pela Liga Acadêmica de Terapia Ocupacional em Contextos Hospitalares e Cuidados Paliativos (LATOHP) do IFRJ. A transmissão contou com uma apresentação da terapeuta ocupacional Patrícia Cymerman, a qual expôs o trabalho desenvolvido no Hospital Municipal Salgado Filho, utilizando bonecos terapêuticos para as crianças atendidas na brinquedoteca hospitalar. A partir dessa exposição, a discente realizou uma visita à brinquedoteca hospitalar onde a terapeuta ocupacional desenvolve o trabalho e logo após a visita fez a sua inscrição em um curso sobre bonecos terapêuticos ministrado pela mesma profissional. Doravante, surgiu um interesse específico sobre a adaptação de bonecos terapêuticos para a intervenção com crianças.

A discente notou que os bonecos comerciais são amplamente divulgados, disponíveis e acessíveis às crianças, contudo, eles tendem a não serem eficazes no que se refere ao suporte às crianças hospitalizadas. Tal fato ocorre porque os bonecos comerciais são, em sua maioria, brinquedos prontos, acabados, com fins

específicos, exigindo ser usado da forma como foi planejado (BROUGÈRE, 2000) desconsiderando a natureza singular da experiência de hospitalização e as necessidades específicas das crianças que passam por essa experiência adversa.

Em contrapartida, os bonecos terapêuticos são especialmente adaptados para e com as crianças, a serem usados de modo a possibilitar suporte específico para esses indivíduos. Podem ser personalizados, de modo a atender às demandas da criança, incluindo características correspondentes à sua idade, gênero e aparência. Ademais, pode-se utilizar os bonecos como forma de compreensão do tratamento no qual a criança está sendo submetida, possibilitando que elas reproduzam através da brincadeira as situações que vivencia no ambiente hospitalar, se adaptando à rotina desse contexto e aos procedimentos realizados (HUERTA, 1996).

Além disso, os bonecos terapêuticos, enquanto pertencentes à categoria de brinquedos, tendem a fornecer um apoio emocional às crianças, possibilitando uma conexão com o brinquedo de modo a minimizar os impactos negativos que a hospitalização pode causar, favorecendo a expressão de sentimentos e a diminuição do estresse (CUNHA, 2007b).

Assim, justifica-se a adaptação desse boneco terapêutico a partir do interesse da discente pela temática e pela percepção de que os bonecos comerciais tendem a ser insuficientes para atender as necessidades e anseios da criança hospitalizada.

e) Objetivo

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma boneca com fins terapêuticos, adaptada em um curso de capacitação sobre bonecos terapêuticos, para uma criança fictícia.

f) Tipo de estudo

Adaptação de produto para fins terapêuticos.

g) Procedimentos

As etapas do presente estudo consistiram em:

- 1º Participar de um curso de capacitação sobre bonecos terapêuticos;
- 2º Planejar a adaptação de um boneco terapêutico;

3º Adaptar um boneco terapêutico;

Para a realização do 1º passo, ocorreu a participação no curso “Intervenção da Terapia Ocupacional com Bonecos Terapêuticos”, ministrado pela terapeuta ocupacional Patrícia Cymerman, no dia 26 de maio de 2022, com carga horária de 8 horas, cujo objetivo foi capacitar os participantes para utilizarem os bonecos terapêuticos, como recurso terapêutico em diferentes contextos. Durante o curso foram disponibilizados diversos materiais e ferramentas, como apresentado anteriormente.

Para o 2º passo, foi proposto pela ministrante do curso que o boneco fosse adaptado a partir de interesses pessoais do aluno, tendo em vista a ausência de crianças para o recebimento dos bonecos durante o curso. Então, o boneco terapêutico elaborado se deu a partir do interesse da discente no que se refere aos transtornos do neurodesenvolvimento, mais especificamente ao TEA.

Como 3º passo, o boneco terapêutico foi adaptado levando em consideração que o TEA é uma deficiência não visível. Para tanto, fez-se necessário a atribuição de comorbidades associadas comuns ao autismo, tal como a Marcha em Equino Idiopática.

h) Cronograma

O boneco terapêutico foi adaptado durante o curso em uma etapa única.

i) Orçamento

Para o desenvolvimento desse projeto foram necessários recursos para custeio da boneca e do curso de capacitação. Para tanto, foram despendidos a quantia de R\$ 219,99, sendo R\$ 200,00 relativos ao curso de capacitação e R\$ 19,99 relativos à aquisição de uma boneca de uso comercial.

j) Descrição do público-alvo

O boneco terapêutico apresentado neste trabalho foi pensado para uma criança fictícia, do sexo feminino diagnosticada com TEA, que possui déficits na comunicação e apresenta Marcha em Equino Idiopática. A criança em questão demonstra dificuldades com a implementação de um sistema de comunicação alternativo e com a aceitação de órteses.

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, o qual é caracterizado pelo DSM V por:

déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013, p. 31).

Destaca-se aqui o prejuízo na comunicação como um item importante a ser discutido. De acordo com o *National Research Council* (2001), entre 30% e 50% de indivíduos com TEA não apresentam comunicação verbal, o que não significa que não sejam capazes de se comunicar de outras maneiras. Para tanto, torna-se importante a utilização de Tecnologia Assistiva, mais especificamente de sua subárea: a Comunicação Alternativa (CA). A CA envolve o uso de sistemas e recursos, de modo alternativo, oferecendo aos usuários que não apresentam fala de forma funcional uma possibilidade de se comunicar (TOGASHI, 2014), ele pode ser utilizado de modo a complementar a fala já existente ou proporcionar uma alternativa quando não é possível desenvolvê-la (NUNES, 2003). A CA se apresenta de diferentes formas, mas destaca-se aqui a relevância da utilização do modelo *The Picture Exchange Communication System* (PECS), o qual possui evidências científicas dos benefícios ocasionados pela sua utilização (BARBOSA; DUTRA, 2022). O PECS é um sistema realizado a partir de trocas de figuras, fazendo o uso de cartões de comunicação (TOGASHI, 2014). A implementação do PECS culmina na elaboração de uma prancha de CA, um material de baixo custo (CESA, 2014), utilizado para manuseio e organização das figuras do sistema.

Além de prejuízo na comunicação, outro fator significativo que pode acometer indivíduos com TEA é a denominada Marcha em Equino Idiopática, popularmente conhecida como marcha na ponta dos pés, que se caracteriza por uma marcha apoiada unicamente no antepé (GONZÁLEZ, 2017). Uma pesquisa realizada por Podadera, et al. (2019) apontou que há uma prevalência de 15-45% de marcha em equino em crianças com autismo, o que possibilita realizar uma inferência sobre a relação entre autismo e comportamento motor. Existem algumas possibilidades de tratamento para a Marcha em Equino Idiopática, contudo, destaca-se a utilização de órteses suropodálicas ou AFO (*Ankle-foot orthoses*), que são dispositivos usados de forma externa ao corpo humano, a fim de "modificar as características funcionais ou

estruturais do sistema musculoesquelético” (RODRIGUES, et al., 2007, p. 435). As órteses suropodálicas são capazes de facilitar o ensino adequado da marcha, proporcionando estabilidade e controle ao indivíduo que a usa (WREN, et al., 2015).

Compreendendo que, tanto o déficit na comunicação quanto a Marcha em Equino Idiopática necessitam de acessórios/objetos físicos externos para o seu tratamento, foram elaborados objetos que representam uma prancha de CA em tamanho menor e órteses suropodálicas em tamanho menor para a utilização na boneca.

Quando o público-alvo foi delimitado, sendo esse público uma criança fictícia, levou-se em conta suas particularidades. Para tanto, o boneco foi elaborado segurando uma prancha de CA em sua mão direita e utilizando órteses suropodálicas nos pés. Uma vez que, crianças com TEA podem apresentar padrões inflexíveis de comportamento (OMS, 2021) e dificuldade de aceitação ao novo, a identificação do boneco utilizando os acessórios pode se tornar um aliado na apresentação e implementação desses itens.

Durante a intervenção com bonecos terapêuticos, é possível fazer a apresentação do boneco de modo instrucional, a fim de ensinar de forma exemplificativa à criança com TEA como ela deve utilizar a CA e as órteses em seu cotidiano. Além disso, a intervenção com o boneco pode proporcionar alívio e segurança à criança com TEA, uma vez que a apresentação de forma instrucional pode possibilitar ao indivíduo a previsibilidade de situações que poderão ser vivenciadas, levando-o a compreender o que fazer, como fazer e de que modo agir.

O boneco terapêutico adaptado durante o curso foi elaborado para uma criança fictícia, levando em conta a possibilidade de crianças que fazem uso da comunicação alternativa e utilizam órteses suropodálicas, porém, o produto final pode ser utilizado em um diferentes contextos com crianças reais, que têm dificuldade em aceitar a utilização de órteses e da implementação da CA.

k) Local e data de realização

O boneco terapêutico foi adaptado no dia 26 de maio de 2022, no município do Rio de Janeiro.

I) Formas de divulgação do produto

A divulgação inicial será realizada durante a defesa do trabalho de conclusão de curso. Após a divulgação inicial o produto será doado à brinquedoteca hospitalar do Hospital Municipal Salgado Filho.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, pode-se concluir que o brincar desempenha um papel importante no desenvolvimento infantil, permitindo que as crianças explorem, aprendam e expressem suas emoções. Brincar é um direito, reconhecido internacionalmente e respaldado por diversos documentos legais no Brasil, garantido inclusive às crianças hospitalizadas. O processo de hospitalização traz consigo desafios e restrições que privam as crianças de seu direito ao brincar, impactando sua rotina, vínculos emocionais e bem-estar geral.

Nesse sentido, os bonecos terapêuticos surgem como ferramentas valiosas, capazes de oferecer suporte emocional, facilitar a compreensão da realidade hospitalar e auxiliar no processo de tratamento das crianças hospitalizadas. A adaptação do boneco terapêutico personalizado descrito neste trabalho demonstra a aplicação prática desses princípios, ao criar um recurso específico para uma criança fictícia.

Através da participação ativa em um curso de capacitação sobre bonecos terapêuticos, foi possível aplicar os conhecimentos construídos na elaboração desse produto, que atende às necessidades específicas da criança fictícia. Além disso, a utilização de materiais diversos, como sucatas, EVA, tintas e tecidos, demonstram a criatividade e a habilidade que a adaptação e/ou criação de um boneco terapêutico pode suscitar.

O valor investido de R\$ 19,99 para a adaptação desse boneco terapêutico é mais um aspecto relevante, o seu custo é relativamente acessível. Apesar de, os materiais utilizados para a adaptação do boneco já terem sido ofertados durante o curso, tais materiais também são acessíveis, podendo-se utilizar inclusive materiais recicláveis, demonstrando assim, que é possível criar recursos terapêuticos eficazes sem que sejam financeiramente inviáveis. Essa abordagem viabiliza a replicação e a

disseminação do projeto em outros contextos, beneficiando um maior número de crianças a serem atendidas.

Por conseguinte, a adaptação desse boneco terapêutico personalizado é um passo importante para aprimorar a qualidade do trabalho e o suporte terapêutico oferecido às crianças. Ao utilizar uma abordagem como essa, fazendo uso de materiais acessíveis, é possível criar recursos terapêuticos eficazes que atendam às necessidades individuais de cada criança, proporcionando-lhes uma experiência terapêutica mais adequada e direcionada. Espera-se que esse trabalho inspire outros profissionais e estimule o desenvolvimento de soluções semelhantes em benefício de crianças em diferentes contextos, hospitalares ou não.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fabiane de Amorim. Brinquedo no hospital: Preparando a criança para a cirurgia cardíaca. In: VIEGAS, Drauzio. (Org.) *Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização*. Rio de Janeiro: WAK, 2007.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)*. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

ALVES, Janiele. *A brinquedoteca hospitalar como espaço lúdico*. Monografia (Graduação) - Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

BARBOSA, Thamires de Lima; DUTRA, Flávia Barbosa da Silva. Os benefícios do uso do PECS por pessoas autistas: um estudo bibliográfico. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, v. 18, 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/12746/15159>>. Acesso em 05 de maio de 2022.

BEE, Helen; BOYD, Denise. *A criança em desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e Adolescente. *Resolução nº 41, 13 de outubro de 1995*. Dispõe sobre os direitos da criança hospitalizada. Diário Oficial da República Federativa do Brasil 1995 17 out; Seção I:163.

BRASIL. *Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005*. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 22 mar 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Política Nacional de Humanização da Saúde*. Documento Base. 4ª ed. Brasília: Ministério da Saúde (MS); 2007.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CANÊZ, Juliana; GABATZ, Ruth; HENSE, Tuize; VAZ, Vitória; MARQUES, Rayssa; MILBRARTH, Viviane. O brinquedo terapêutico no cuidado à criança hospitalizada. *REVISTA ENFERMAGEM ATUAL IN DERME* - 88-26, 2019. Disponível em: <<https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/129>>. Acesso em 15 de maio de 2023.

CESA, Carla; KESSLER, Themis. Comunicação alternativa: teoria e prática clínica. *Distúrb Comun*, São Paulo, 26(3): 493-502, setembro, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/15147>>. Acesso em 20 de maio de 2023.

CONANDA. *Resoluções, junho de 1993 a setembro de 2004*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselho-nacional-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-conanda/resolucoes/resolucoes-1-a-99.pdf>>. Acesso em 25 de maio de 2023.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. São Paulo: Aquariana, 2007a.

CUNHA, Nylse Helena Silva; VIEGAS, Drauzio. *Brinquedoteca hospitalar: guia de orientação*. São Paulo: ABBri/Laramara, 2004.

CUNHA, Nylse Helena Silva. O Significado da Brinquedoteca Hospitalar. In: VIEGAS, Drauzio. (Org.) *Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização*. Rio de Janeiro: WAK, 2007b.

EACH. *Anotações à Carta da Criança Hospitalizada*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 2016. Disponível em: <<https://each-for-sick-children.org/wp-content/uploads/2021/04/EACH-Charter-Portuguese.pdf>>. Acesso em 28 de Abril de 2023.

FONSECA, Eneida Simões da. O lúdico no desenvolvimento e na aprendizagem da criança hospitalizada. In: PÉREZ-RAMOS, Aidyl; OLIVEIRA, Vera Barros de. (Orgs.). *Brincar é saúde: o lúdico como estratégia preventiva*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2010.

FONSÊCA, Maria Eduarda Diniz; SILVA, Ângela Cristina Dornelas da. Concepções e uso do brincar na prática clínica de terapeutas ocupacionais. *Cadernos de Terapia Ocupacional: da UFSCar*, São Carlos, v. 23, n. 3, p. 589-597, 2015. Disponível: <<http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/0104-4931.ctoAO0554>>. Acesso em 02 de Maio de 2023.

FONTES, Cassiana; MONDINI, Cleide; MORAES, Márcia Cristina; BACHEGA, Maria Irene; MAXIMINO, Natália. Utilização do brinquedo terapêutico na assistência à criança hospitalizada. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.16, n.1, p.95-106, Jan.-Abr., 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/FPKbDCFBpVQxvgVsMmKjyBP/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 12 de maio de 2023.

FRIEDMAN, Adriana. *Brincar: crescer e aprender - o resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna, 1996.

GOMES, Ana Carolina; SILVA, Aline; SANTOS, Carolina; PALERMO, Thaís. Brinquedo terapêutico no alívio da dor em crianças hospitalizadas *Perspectivas Online: Biológicas & Saúde*. v. 9, n 29, p.33-42, 2019. Disponível em: <http://ojs3.perspectivasonline.com.br/index.php/biologicas_e_saude/article/view/1717>. Acesso em 10 de maio de 2023.

GONZÁLEZ, Karen. Marcha en equino idiopática infantil: revisión sistemática. *Rev. int. cienc. podol.* 11(2) 2017:93-116. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ibc-162542>>. Acesso em 25 de maio de 2023.

HUERTA, Edelia. Preparo da criança e família para procedimentos cirúrgicos: intervenção da enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 340-353, 1996. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/GVR9YJ7Gqbp3K3RL6H5nPBn/?lang=pt>>. Acesso em 06 de maio de 2023.

IFRJ. *Manual de apresentação de trabalhos acadêmicos* / Instituto Federal do Rio de Janeiro. 2. ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: IFRJ, 2019.

MARTINS, Maria do Rosário; RIBEIRO, Circéa; BORBA, Regina; SILVA, Conceição. Protocolo de preparo da criança pré-escolar para punção venosa, com utilização do brinquedo terapêutico. *Rev. Latino-am Enfermagem*. 2001 março; 9(2): 76-85. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/H5Qj4G9MypT8LkVTpwpbxQB/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 02 de maio de 2023.

MEDEIROS, Brenno Duarte. Educação para a saúde por meio do brincar: experiência em uma enfermaria de pediatria. In: ARAÚJO, Thiago de. (Org.). *Brinquedista e brinquedoteca: olhares sobre a infância*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2022.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. *Educating children with autism*. Washington, DC: National Academy Press, 2001.

NUNES, Leila. Comunicação alternativa: uma introdução. In: NUNES, Leila. (Org.). *Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais*. Rio de Janeiro: Dunya, 2003. p.3-13.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. ICD-11 *Application Programming Interface* (API). Genebra: OMS, 2021.

PARHAM, L. D., & FAZIO, L. S. (Eds.). (1997). *Play in occupational therapy for children*. St. Louis, MO: Mosby.

PODADERA, Blanca; PINZÓN, Paula; BERMÚDEZ, David; MOGUER, Joaquín. Búsqueda Bibliográfica: Relación entre el autismo y la marcha en puntillas en niños. *Rev. Esp. Podol.* 2020;31 (Supl1): 1-20. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7351534#:~:text=Conclusi%C3%B3n%3A%20La%20revisi%C3%B3n%20bibliogr%C3%A1fica%20realizada.y%20una%20torsi%C3%B3n%20externa%20aumentada>>. Acesso em 24 de maio de 2023.

RODRIGUES, Adriana; CAVALCANTI, Alessandra; GALVÃO, Cláudia. Órtese e Prótese. In: CAVALCANTI, Alessandra; GALVÃO, Cláudia. *Terapia Ocupacional: fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

SANTOS, Gislane de Lima; PESSOA, Jéssica das Neves. *A importância do brincar no desenvolvimento da criança*. 2015. 41 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). *Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos*. 7ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira; GIMENES, Beatriz Piccolo. *Brinquedoteca: Manual em educação e saúde*. São Paulo: Cortez, 2011.

TOGASHI, Cláudia Miharú. *A Comunicação Alternativa e Ampliada e suas contribuições para o processo de inclusão de um aluno com Transtorno do Espectro do Autismo com distúrbios na comunicação*. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

UNICEF. *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Organização das Nações Unidas, 20 de novembro de 1989. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>>. Acesso em 10 de maio de 2023.

UNICEF. *Declaração Universal dos Direitos das Crianças*. Assembleia Geral das Nações Unidas, 20 de novembro de 1959. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf>. Acesso em 08 de maio de 2023.

VIEGAS, Drauzio. (Org.). ABBri: Associação Brasileira de Brinquedotecas. In: VIEGAS, Drauzio. (Org.) *Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização*. Rio de Janeiro: WAK, 2007.

WREN, Tishya; DRYDEN, James; MUESTE, Nicole; DENIS, Sandra; HEALY, Bitte; RETHLEFSEN. Comparison of 2 orthotic approaches in children with cerebral palsy.

Pediatric Physical Therapy. 2015. Disponível em: <
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26035652/>>. Acesso em 12 de maio de 2023.